

CADERNOS FORCINE

#5

Publicação do Fórum Brasileiro
de Ensino de Cinema e Audiovisual

Volume V setembro 2019

Cadernos FORCINE é uma publicação anual do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (FORCINE).

Cadernos FORCINE n. 05 (jan/set 2019) – Florianópolis: FORCINE, 2019.

Anual

ISSN 2448-1521

1. Formação. 2. Ensino. 3. Cinema. 4. Audiovisual. 5. Brasil

CADERNOS FORCINE

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| EDITORIAL | 6 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS PARA CINEMA E AUDIOVISUAL: EXPERIÊNCIAS DAS UNIVERSIDADES (CONGRESSO FORCINE 2018) Carla Rabelo, Marcelo Ikeda, Alfredo Manevy, Flávia Seligman, Roberto Cotta e Thiago Mendes | 7 |
| PEQUI COM CÂMERA: UM RELATO SOBRE A PRODUTORA DO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFMT Leonardo Esteves, Fernanda Fidelis, Sophia Cardoso e Igor Matos | 15 |
| A EXPERIÊNCIA INTRODUTÓRIA DE ANIMAÇÃO NA UFSC: METODOLOGIAS ATIVAS PARA PRODUZIR UM DESENHO ANIMADO COLABORATIVO Rodrigo Veras e Agenor Furigo Neto | 23 |
| COMO CRIAR PARA SI UMA SALA UNIVERSITÁRIA DE CINEMA? Cíntia Langje | 30 |
| MEMÓRIAS DISCENTES: YASMIN PIRES (UFPA) Marta Machado | 40 |
|  ESPECIAL FORCINE RIO2C 2019 <i>Coletânea de relatos críticos e de experiência da participação de docentes e estudantes das escolas associadas no Rio2C 2019</i> | |
| MULHERES NO RIO2C 2019: UMA ANÁLISE DA PROGRAMAÇÃO DO SUMMIT RIO2C MEIO & MENSAGEM E CONFERÊNCIA Tainá Xavier | 48 |
| MERCADO AUDIOVISUAL E A UNIVERSIDADE: COMO NOS APROXIMAR? Liângela Xavier | 59 |
| RELATO DE UM DIA NO RIO CREATIVE CONFERENCE: SURPRESAS E DECEPÇÕES Rafael de Luna Freire | 62 |
| O PAPEL DA CULTURA NO BRASIL NO FINAL DA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI Evandra de Jesus Laurenti | 64 |

PEQUI COM CÂMERA: UM RELATO SOBRE A PRODUTORA DO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFMT

Leonardo Esteves, Fernanda Fidelis, Sophia Cardoso e Igor Matos
**leonardogesteves@gmail.com, fernandaffidelis@gmail.com,
 sophialcardoso@outlook.com, matosigorgui@gmail.com.**

Leonardo Esteves é professor de Cinema e Audiovisual/ Radialismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Comunicação Social (PUC-Rio), com passagem pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Mestre em Artes Visuais (Escola de Belas Artes/ UFRJ).

Fernanda Fidelis cursa o sexto semestre de Comunicação Social com habilitação em Radialismo na Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Pequi com câmera.

Sophia Cardoso cursa o quinto semestre de Comunicação Social com habilitação em Radialismo na Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Pequi com câmera e estagiária na TV Universidade da UFMT.

Igor Matos cursa o terceiro semestre de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do grupo de extensão Pequi com câmera. Foi bolsista no Cineclubes Coxiponés (Pro-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência da UFMT).

Resumo

O presente artigo visa discorrer sobre os primeiros anos e atividades do projeto de extensão Pequi com câmera: produtora experimental do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT. Desenvolvida no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso pelo recém-criado curso de Cinema e Audiovisual, a atividade visa integrar docentes e discentes em uma série de produções. Estas são realizadas a partir de demandas internas (da UFMT) e externas. O texto dá ênfase à produção encomendada em 2019 pela Associação Mato-grossense de Dislexia, realizada entre fevereiro e maio por cerca de 15 alunos. Como estudo de caso, o texto aprofunda o trabalho realizado pelos discentes nas atividades de captação de som direto e montagem para a série de vídeos produzida para a Associação. Todos os autores deste artigo são participantes do projeto em questão.

Palavras-chave

Cinema universitário; Produtora Experimental; Documentário.

Abstract

This article follows the first years and activities of Pequi com câmera: produtora experimental do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT (experimental film production company of UFMT's film school). As a major enterprise developed within the Social Communication Department of the Federal University of Mato Grosso by the recently created Film and Audiovisual course, its goal is to integrate students and teachers over a series of productions. Activities are booked by demands from inside and outside the university. This text aims to present the 2019 film production for the Associação Mato-grossense de Dislexia (Dyslexics Association of Mato Grosso) that took place between February and May and was made by over 15 film and Radio students. As a case study, the article finishes by pointing the students work over sound capture and editing. All of the authors are part of the project.

Keywords

Film School; Experimental Production Company; Documentary Film.

Introdução

A primeira turma do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso ingressa na instituição em março de 2018. O curso é implementado no Departamento de Comunicação Social, substituindo o curso de Radialismo e consolidando uma conversão já efetuada em outras instituições de ensino superior ao redor do país. Neste contexto, novas vagas visando um perfil docente moldado para o curso recém-aberto são criadas e um concurso público é homologado no ano anterior.

Enquanto uma das iniciativas pioneiras do curso de cinema criado em Cuiabá, destaca-se o projeto de extensão *Pequi com câmera: produtora experimental do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT*. A iniciativa é criada pelo Prof. Dr. Leonardo Esteves, que ingressou no novo quadro de professores no final de 2017, em parceria com o coordenador dos cursos de Cinema e Audiovisual/ Radialismo, Prof. Dr. Moacir Francisco Barros; ficando a coordenação do projeto a cargo do primeiro. O *Pequi com câmera* é destinado aos alunos tanto dos cursos de Cinema quanto aos de Radialismo, assim como a discentes de outras proveniências, como Jornalismo e Ciências Sociais.

As premissas iniciais do projeto eram aprofundar o contato entre alunos e docentes no sentido de estimular a prática do audiovisual em todas as suas etapas; oferecer experiências que integrassem os educandos a situações do mercado audiovisual (tal como reunião com *clientes*, desenvolvimento de projetos); funcionar como uma espécie de complemento prático para conteúdos ofertados em disciplinas teóricas; além de dar ao discente uma perspectiva de trabalho em grupo muito característica de uma produção em audiovisual. Como contrapartida, o projeto solicita aos *clientes* a doação de equipamentos que o curso não possui e ou materiais de consumo necessários.

Neste artigo, pretende-se discorrer sobre as atividades elaboradas em pouco mais de um ano de funcionamento do *Pequi com câmera*. A partir de uma breve contextualização regional, o texto é dividido em duas partes. Na primeira, o enfoque se dá sobre o funcionamento do projeto. Em seguida, dois casos serão abordados: a produção do vídeo institucional dos 10 anos do Curso de Psicologia da UFMT, realizado em 2018; e o trabalho encomendado pela Associação Mato-grossense de Dislexia, que culminou na produção de um vídeo institucional e de cinco pequenos vídeos para veiculação na internet em 2019. Na segunda parte do artigo, são oferecidos dois relatos escritos por participantes do *Pequi com câmera* no sentido de discorrer sobre a abrangência do projeto em termos técnicos. Duas práticas são valorizadas: captação de som e montagem.

Identidade regional

Pequi, fruta amarelada de cheiro forte e gosto inconfundível do cerrado brasileiro foi escolhida como representante regional para compor o nome do projeto de extensão, *Pequi com câmera*. A escolha se dá no sentido de destacar o regionalismo e agregar ao projeto a proposta de uma identidade de cinema mato-grossense. Para essa escolha, pode-se pensar a cultura cinematográfica local a partir de uma reflexão do pesquisador Luiz Borges, compartilhada em um curso ministrado por ele no Cineclube Coxiponés¹ às vésperas do início do curso de cinema da UFMT: um cinema que desde muito tempo é feito no estado, mas que não necessariamente reflita uma identidade mato-grossense (feito em, mas não de Mato Grosso). Em linhas gerais, poderia se afirmar que o projeto visa, já a partir do nome, reivindicar uma regionalidade intrínseca, de pertencimento. Aí está o pequi, aí está a câmera.

Compreende-se que a necessidade de consolidar uma cultura audiovisual local é ainda maior com a criação do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso. A formação de futuros cineastas mato-grossenses está presente agora em âmbito acadêmico. Possíveis jovens realizadores, produtores, roteiristas e técnicos não precisam mais se deslocar para outras regiões e, assim, podem “beber da fonte de referências” que é oriunda de seu próprio estado.

Funcionamento do projeto

Atualmente, o *Pequi com câmera* é constituído por cerca de 15 alunos provenientes, majoritariamente, dos cursos de Radialismo e Cinema e Audiovisual. O objetivo principal que reúne estes estudantes é o de integrar o arcabouço técnico – e, futuramente, teórico, em um desmembramento que prevê a produção de textos reflexivos sobre filmes – na prática. Como é sabido, a tríade que compõe a formação universitária federal é composta por ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, a atividade trabalha como um complemento aos conteúdos apreendidos em sala que contempla diversas disciplinas, abarcando praticamente todas as etapas da produção audiovisual – excetuando a distribuição e o lançamento comercial, que não são visados pela produção em pauta por razões óbvias.

Composto, portanto, por estudantes com formações díspares – as grades curriculares dos cursos de Radialismo e de Cinema e Audiovisual divergem consideravelmente – o projeto realiza trabalhos para as comunidades interna e externa. O grupo se caracteriza como uma produtora experimental e independente, uma vez que não possui patrocinadores e tampouco investimento para grandes produções. As demandas até o momento são de duas naturezas: institucionais ou apoio na produção de filmes que serão apresentados por alunos enquanto trabalho de conclusão de curso.

O dia a dia

Cada trabalho é pensado de acordo com a demanda. O *cliente* estabelece uma ideia primária em relação ao pretendido. Essa ideia é afinada em reuniões iniciais entre o *contratante* e os professores/coordenadores do *Pequi*; ou entre alunos que apresentam o TCC e os integrantes do grupo. Nesses encontros preliminares, estrutura-se o projeto pensando em duas perspectivas. A primeira é que seja realizável de acordo com as limitações técnicas presentes no quadro de produção – uma vez que se trata de um projeto universitário com poucos equipamentos; a segunda é que atenda às expectativas e objetivos das partes interessadas.

Tendo em vista a realização do produto, as reuniões se expandem para os demais integrantes. Elas geralmente são realizadas internamente entre o grupo de extensão. Porém, caso haja necessidade, o *contratante* é convocado para tratar de assuntos específicos e debatê-los junto aos alunos. Os encontros são semanais. As primeiras reuniões cumprem o caráter de pré-produção. São definidas equipes, escalas, datas, horários, locais e atores (ou atores sociais) das gravações – estes últimos a partir do contato com o *cliente*. Aqui estamos ainda no campo das ideias e do planejamento.

O período de produção é onde começa o trabalho prático. Este é, em geral, realizado de forma despojada: as equipes são definidas de acordo com as diárias e com a disponibilidade dos alunos. As equipes geralmente se encontram na UFMT antes de partirem para a diária. As locações são das mais diversas: casas, quadras, área externa de condomínio, estúdio, salas de aula, entre outros. A captação de som direto é, por vezes, imprescindível, tendo em vista que os trabalhos são compostos por depoimentos em uma expressão documental.

Durante as gravações tudo pode acontecer, ainda mais quando se trabalha com o gênero documental em um viés experimental. Por mais planejadas que sejam as diárias, há coisas que escapam ao nosso controle. Essas ocasiões requerem tato e muita sensibilidade por parte dos realizadores de forma a resolver imprevistos de maneira ágil, sem interferir no ânimo do entrevistado ou nas condições para colher o depoimento.

Com o fim das gravações, é chegada a pós-produção, que implica em outra dinâmica de produção. É o momento de analisar o material bruto e montar, a partir dele, o produto final. O som é tratado e sincronizado à imagem, os cortes são feitos, cenas são realocadas e o trabalho se segue até que o produto final esteja pronto.

O dia-a-dia contribui para a difusão das experiências dos discentes entre si, visto que esse é o principal objetivo do Pequi: fazer com que esses alunos compartilhem ensinamentos com fins de formação acadêmica e fílmica. Nesse sentido, uma das experiências mais recentes foi o relato do aluno Michel Pinto de Miranda, do segundo semestre de Cinema e Audiovisual. Ele palestrou acerca da função de assistente de Platô, desenvolvida por ele em uma produção cinematográfica local. Seu relato pessoal pôde estabelecer um panorama geral sobre o trabalho desenvolvido em uma produção de médio porte.

Aquisição de equipamentos

Uma das maiores dificuldades do *Pequi com câmera*, assim como do curso de Cinema e Audiovisual, é a precariedade dos equipamentos, quando não há uma ausência absoluta de itens de grande importância. Como ensinar a fazer cinema sem recursos técnicos? Um problema notado logo de partida é a escassez de equipamentos de som. O departamento não possui gravador, microfones direcionais semiprofissionais, vara para boom, espumas e demais utensílios imprescindíveis para a captação do som. Como então poderia funcionar uma disciplina de técnicas de áudio em direto sem a parte prática, sem o convívio do aluno com instrumentos de captação? De forma a contornar tais ausências, o projeto passou a trabalhar desde o começo solicitando como contrapartida a doação de equipamentos.

A partir dessa permuta, está sendo possível constituir um acervo de objetos que são usados apenas nas produções do projeto de extensão. Itens básicos, como claquetes e HDs, e materiais de consumo, como cabos e pilhas, assim como equipamentos de maior envergadura têm sido adquiridos por meio de produções institucionais. As necessidades vão sendo averiguadas conforme o trabalho vai sendo realizado. A primeira demanda, composição de um sistema de captação de som direto está parcialmente liquidada. Outras deficiências mais complexas, contudo, ainda parecem fora do campo de visão, como, por exemplo, a aquisição de uma câmera digital profissional (ou semiprofissional) e um jogo completo de lentes, assim como um par de kit de refletores portáteis de potências variadas e lentes Fresnel.

Duas produções realizadas

Em pouco mais de um ano de duração, o *Pequi com câmera* realizou dois projetos de maior peso. Tratam-se do vídeo sobre o curso de Psicologia da UFMT, encomendado para ser exibido na abertura da VII Semana da Psicologia, no Teatro da UFMT, celebrando os 10 anos do curso; e da série de vídeos para a Associação Matogrossense de Dislexia.

No primeiro caso, o *Pequi com câmera* foi acionado pela coordenadora de curso, Prof. Dra. Jane Cotrin, com o intuito de produzir um institucional de cerca de 10-15 minutos contando a história do curso. Como um ato inicial, recém-criado, o projeto ainda possuía poucos alunos, somando apenas dois inscritos: Igor Matos, então no primeiro período do curso de Cinema e Audiovisual, e Késsia Kiane dos Passos Oguihara, do sexto período de Radialismo. Uma equipe complementar composta por cerca de seis alunas do curso de Psicologia lideradas pela Profa. Anny Carolyn de Lima Rodrigues se integrou ao projeto, ajudando na produção e na condução das entrevistas. Os entrevistados somavam um total de 10 depoentes. Entre eles, professores, técnicos e alunos. Uma mesa chegou a ser encenada com as professoras fundadoras do curso, recriada no interior do estúdio do Departamento de Comunicação Social da UFMT. Nesta ocasião, foi possível usar um *travelling* improvisado a partir de um ligeirinho feito a partir de doações antigas ao curso de Radialismo.

Neste trabalho, buscou-se improvisar também os depoimentos a partir de projeções em uma tela improvisada no centro do estúdio. A intenção era de fato experimentar novas texturas a partir da imagem,

fazendo com que alguns professores já antigos pudessem contracenar com a câmera, rendendo momentos divertidos. Em outra ocasião, experimentou-se a captação de imagens com um filtro improvisado a partir de uma meia-calça presa à lente.

Já na pós-produção, foi preciso contratar um editor fora da faculdade devido à baixa adesão de alunos e da falta de tempo para realizar a montagem. O tempo final ficou em torno de 25 minutos, superando a expectativa inicial em 10 minutos, mas demonstrando a necessidade do tempo suplementar devido à quantidade de material produzido durante os encontros. Ao fim, a projeção na estreia da VII Semana de Psicologia, em 25.06.2018, foi um sucesso, tendo o vídeo sido ovacionado por cerca de 600 pessoas que lotaram o Teatro da UFMT.

O segundo trabalho, encomendado pela Associação Mato-grossense de Dislexia na figura de sua fundadora, Gabrielle Coury, se dá em um momento diferente para o *Pequi com câmera*. Agora o quadro é maior, cerca de 15 alunos compõem o projeto. O grupo numeroso requer um novo planejamento: é preciso dividir a equipe em núcleos de filmagem. Dessa forma, levadas heterogêneas de alunos se dividem conforme a disponibilidade de cada um. Alguns mais assíduos propõem permanecer em um segmento (como captação de som e manuseio da câmera). Da parte da Associação, quase sempre a equipe de alunos estava sendo acompanhada por alguém que dava um suporte temático sobre os temas a serem abordados e a forma como abordá-los junto aos entrevistados.

Cerca de uma dezena de entrevistas foi conduzida pelos alunos, acompanhados dos coordenadores do *Pequi com câmera*. Pais e filhos disléxicos, um pesquisador e um médico deram depoimentos para este projeto. O intuito dos vídeos era divulgar questões sobre a dislexia, de forma a instruir a sociedade e retratar a trajetória da Associação, instituição importante reconhecida em todo o Brasil pela luta a favor dos direitos dos disléxicos.

Esta última atividade será esmiuçada nos próximos incisos, oferecendo um panorama sobre o trabalho da captação de som e da montagem.

O som no projeto para a Associação Mato-grossense de Dislexia

Ocupação desempenhada com afincos pelos alunos durante as filmagens, a captação de som direto de cenas e entrevistas com os membros da Associação Mato-grossense de Dislexia resultou em um profícuo laboratório. Para este trabalho, foi utilizado um gravador ZOOM H6, equipamento adquirido como contrapartida pelo vídeo institucional produzido para comemoração dos 10 anos do curso de Psicologia da UFMT.

Para manusear o novo equipamento, saber como atua o técnico de som, e como funciona a captação de som direto em filmagens, alunos veteranos, com orientação dos professores do projeto, compartilharam seus conhecimentos. Um deles foi o aluno do sétimo semestre do curso de Radialismo João Pedro Régis, que é também realizador audiovisual e pôde passar para os alunos integrantes do *Pequi* interessados na área de som sua experiência através de uma oficina. Esta ocorreu momentos antes de uma entrevista com um dos membros da Associação, na qual o gravador seria pela primeira vez utilizado/experimentado.

Para cada filmagem foi organizada uma equipe formada em acordo às necessidades de produção. A captação de áudio foi *destinada* principalmente aos alunos que se identificaram mais *com a função* desde a oficina, já que estes integrantes manifestaram *aptidão* e vontade para se desenvolver nesta área do projeto audiovisual. A equipe se atinha aos sons do ambiente mesmo antes do momento das filmagens. O equipamento de gravação era ligado anteriormente para medições do volume de voz e interferência externa ainda durante as reuniões da produção com entrevistados ou atores de alguma conversa pré-roteirizada. Esses alunos então acompanhavam a *organização do cenário* junto à direção de cena (função também desempenhada por alunos, com a orientação dos professores). Foi nesse momento em que foi organizado o espaço entre onde a equipe de filmagem estaria e onde ficaria o que seria enquadrado pela câmera. Para a equipe de som, não somente o que

está no enquadramento do plano é importante como também toda a ambientação sonora. Como aponta Márcio Câmara (2016, p. 21):

Em um set de filmagem a equipe de som é quem está ciente dos sons que estão presentes, enquanto os outros departamentos - fotografia, direção de arte, figurino e maquiagem - estão preocupados com o que está sendo enquadrado pela imagem. O som extrapola os limites do quadro e, se tratado de maneira inteligente e criativa, pode adicionar elementos novos e distintos dentro da experiência audiovisual.

Na maioria das situações a equipe precisou lidar com espaços fora de estúdio, com muita interferência de som ambiente. Tratavam-se de casas de membros da Associação, pátios abertos onde aconteciam reuniões do grupo e em lugares da própria UFMT. Foi redobrado então o cuidado para a captação de diálogos limpos, sem ruídos.

Na filmagem em que o gravador foi usado pela primeira vez, a equipe de som era composta por dois alunos. Um responsável pela medição dos volumes no equipamento e retorno e outro para a captura direta com a vara (improvisada a partir de outros materiais), onde o gravador foi fixado na extremidade do “boom”. Essa filmagem ocorreu na casa de uma integrante da Associação. A diária foi esquematizada por um pré-roteiro que compreendia uma conversa entre a integrante e sua família. Sob essa perspectiva a equipe de som se organizou para captar uma conversa entre três pessoas de forma limpa.

Para diminuir a captação de ruídos no áudio, todas as janelas da locação foram fechadas e equipamentos eletrônicos desligados. Mas, ainda sim, pela sensibilidade do equipamento, captou-se sons externos ao prédio impossíveis de serem controlados. Outro acontecimento que acabou prejudicando a captação de diálogos foi o temporal que caiu sobre a cidade no final do dia, deixando os arquivos de áudio com o som forte da tempestade ao fundo.

Montagem como processo criativo e colaborativo

O trabalho encomendado pela Associação Mato-grossense de Dislexia, consistiu na produção de um institucional de aproximadamente 25 minutos e de cinco pequenos vídeos para veiculação na internet. Sendo assim, adentrando na etapa de pós-produção, os participantes do *Pequi com câmera* estavam divididos em cinco grupos responsáveis pela montagem em etapas individuais. Posteriormente, cada grupo participou da edição que integraria o todo do vídeo institucional. Após a divisão dos grupos, cada equipe tornou-se responsável pela escolha da linguagem a ser utilizada na edição dos materiais individuais, os pequenos vídeos chamados pela equipe de “*drops*”. Os *filmetes* de até cinco minutos exercitaram a criatividade dos grupos nas tarefas de: selecionar, ordenar e ajustar os planos do produto audiovisual, adicionar trilhas sonoras e demais técnicas para a construção do sentido nos termos pré-determinados pela linguagem do vídeo.

De acordo com Mourão (2006, p. 232), em seu artigo para a revista *Significação*, “A montagem cinematográfica como ato criativo”, “a montagem cinematográfica não pode ser vista somente como um procedimento técnico em que planos são combinados com o único objetivo de traduzir o que está previsto no roteiro ou no pensamento do diretor”. Nesse sentido, o processo da montagem se refere muito mais a uma questão de exercício da criatividade, do que exercício da técnica. Não se trata de seguir o processo lógico estabelecido, a montagem caminha de forma a construir um sentido, que não necessariamente deva ser único, porém necessita ser completo, independente do grau de habilidade possuído pelo montador.

A montagem pode ser entendida também enquanto arte, a medida em que os participantes foram incentivados e orientados pelo Prof. Leonardo Esteves a pensar todo o processo de maneira ampla. Mas também por alguns alunos com experiência anterior em montagem, responsáveis por monitorar oficinas de edição, tirar dúvidas, contribuir e auxiliar os demais alunos a criar algo novo com base nos materiais possuídos.

Ademais, conforme mencionado anteriormente, e de acordo com o processo baseado na atividade coletiva, os participantes do *Pequi* reuniram-se em diversas ocasiões pré-estabelecidas com objetivo de visionar o conteúdo das imagens coletadas – totalizadas em oito horas de material bruto. Cada aluno obteve a oportunidade de acompanhar todas as fases da pós-produção desde o início. Uma das primeiras reuniões de visionamento ocorreu com objetivo de compartilhar informações, observar o material completo, realizar anotações e selecionar os materiais necessários para a montagem e finalização posterior dos trechos específicos. Na etapa seguinte, após todo o conteúdo ter sido revisado, o cronograma de edição foi estabelecido. Cada equipe definiu encontros durante a tarde, com a participação do professor responsável e dos monitores. Cada grupo obteve então um tema a ser preparado e editado. Entre eles, questões pertinentes acerca da discussão sobre a dislexia, tais como: “Pesquisa”, “Dificuldades de diagnóstico”, “Questão acadêmica”, “Associação Mato-grossense de Dislexia”, entre outros. Portanto, como resultado dessa atividade colaborativa, vê-se aspectos como a habilidade, a técnica e a arte gerarem um produto audiovisual importante e necessário, desde sua concepção até sua finalização.

Ao passo que as edições avançavam, tornou-se palpável a necessidade de pensar a montagem como momento de criação com papel central e significativo. Mas também houve necessidade de pensá-la por outros âmbitos, que não fossem as tradicionais combinações de imagem e som estritamente lógicas, algo sempre salientado pelo Prof. Leonardo em retorno ao que era apresentado pelos alunos durante os processos da edição. Tal necessidade se refere aos esforços em emitir uma atmosfera agradável e lúdica sem perder de vista a devida importância do produto – muito dessa preocupação se deve ao tema tratado: a dislexia é um assunto sério. Nesse sentido, durante a etapa de finalização, a escolha da fonte tipográfica a ser utilizada no material entrou em questão. Dentre as diversas opções que variam desde estilo até significados, a fonte *OpenDyslexic* foi escolhida para adentrar o material final, devido à sua contribuição em atenuar dificuldades de leitura ocasionadas pela dislexia – criada por Abelardo Gonzalez, em código aberto e distribuída gratuitamente. Desse modo, a cada passo avançado, a montagem em si tomou outras formas, através da troca de conhecimento, análise do material bruto e captação de materiais adicionais.

Tendo um primeiro corte sido efetuado, uma última etapa se deu no cotejamento do vídeo com membros da Associação Mato-grossense de Dislexia. Foi exibida uma primeira versão que precisou passar por uma série de ajustes a partir de observações feitas a partir desse encontro. Questões muito complexas sobre a dislexia precisaram ser revistas, alterando a edição e suprimindo alguns trechos. Outra exigência foi acrescentar depoimentos de políticos locais que contribuíram para o desenvolvimento da Associação, mas que não foram filmados pelos integrantes do projeto.

Em síntese, durante todo o processo das edições dessa atividade, a construção conjunta esteve presente. Dentre os grupos, nas interações com o professor e a colaboração dos alunos monitores. As trocas de informações e conhecimento se configuram como um processo evolutivo à parte, em que os participantes do grupo unem seus diferentes interesses buscando um resultado final compartilhado, a montagem coletiva do vídeo institucional.

Conclusão

Como um projeto de extensão que ainda está em fase de implementação, com inúmeras dificuldades e limitações físico-materiais, o *Pequi com câmera* vai buscando intensificar suas atividades com um quadro reduzido. As mudanças no segundo ano, o aumento da participação discente e um volume maior de trabalho tornaram a empreitada como um todo mais consistente. O estudo de caso trabalhado por esse artigo, a série de vídeos para a Associação Mato-grossense de Dislexia, demonstra as possibilidades pedagógicas do projeto; assim como atesta sua viabilidade enquanto um complemento acadêmico para a grade disciplinar oferecida pelos cursos de Radialismo e Cinema e Audiovisual.

Ainda é muito cedo para discorrer sobre uma metodologia-base para este projeto de extensão. O próximo ano certamente trará novidades no que concerne à abrangência do *Pequi com câmera*. Já se discute sobre uma vertente dentro do projeto que intensifique atividades teórico-acadêmicas, tal como um núcleo de pesquisa e produção crítica, assim como a escrita recorrente de artigos para publicações sobre o ensino de cinema e audiovisual no Brasil. O desenvolvimento metodológico certamente irá trazer inovações, assim como a crescente maturidade dos envolvidos trará contribuições necessárias.

Enquanto projeto que mais estabeleceu contato entre docentes e discentes no âmbito do *Pequi com câmera*, a série de vídeos para a Associação Mato-grossense de Dislexia se torna a atividade de maior fôlego até aqui. A partir da dinâmica pensada para esse trabalho, seus erros e acertos, suas faltas e excessos, pretende-se pensar em novos processos de produção visando uma maior integração de alunos e uma aproximação mais contundente à mentalidade do mercado de trabalho.

Notas

1 – “Memórias do cinema em Mato Grosso: paradigmas do passado e do presente”, 12-15.12.2017.

Referências

CÂMARA, M. **Som Direto no Cinema Brasileiro: fragmentos de uma história**. Rio de Janeiro: RDS Editora, 2016.

MOURÃO, M. D. **A montagem cinematográfica como ato criativo**. Revista Brasileira de Semiótica, Significação, São Paulo, 23 jun. 2006. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/significacao/issue/view/5124/pdf_10. Acesso em: 2 jul. 2019.